

A CONSTRUÇÃO DO JARDIM NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS

Lucidalva Ribeiro dos Santos¹
Valdiva Damasceno Ribeiro²
Givanildo da Silva³

Resumo

Este artigo aborda a construção de um jardim na escola, apresentando o projeto realizado pelos bolsistas do Programa Residência Pedagógica, um trabalho desenvolvido na escola estadual Edith Nobre de Castro, no município de São Raimundo Nonato, no estado do Piauí. A metodologia esteve pautada na abordagem qualitativa, tendo como método de pesquisa o estudo de caso. O objetivo do trabalho foi compreender a visão dos alunos da referida escola. A partir das experiências observadas e dos relatos dos próprios alunos, durante e após a prática de construção e manutenção do jardim, foi visto que houve interesse e participação na construção do jardim, favorecendo para o caráter de pertencimento da escola.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Jardim na Escola. Escola Pública.

Introdução

O desenvolvimento de ações coletivas no contexto da escola pública é uma dimensão necessária e relevante para a construção de autonomia e de participação de todos os envolvidos, destacando-se, os estudantes. As atividades realizadas no coletivo favorecem interação, crescimento intelectual e satisfação em fazer parte do grupo. Nessa dimensão, as práticas escolares centradas nessas perspectivas tornam-se situações importantes para o desenvolvimento pedagógico das práticas educativas.

A pesquisa teve como objetivo compreender a visão dos alunos da escola estadual Edith Nobre de Castro, no município de São Raimundo Nonato, no estado do Piauí, sobre a implantação coletiva de um jardim na referida instituição. Esse projeto é uma atividade que se desenvolveu no âmbito da escola pelos seus profissionais, cujo título é “Paisagismo na Escola”, no qual os residentes do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), campus Serra da Capivara, estão auxiliando a construir, juntamente com os professores e os estudantes do Ensino Fundamental II e Médio do período matutino.

Essa atividade configura-se como uma dimensão necessária, devido à importância da preservação da natureza, a partir de práticas de ornamentação viva como o replantio de cactáceas e outras plantas na escola. O trabalho aborda a construção do jardim na escola,

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato- Piauí. E-mail: dalvasantos778@gmail.com

² Estudante do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato- Piauí. E-mail: vall.damsceno@hotmail.com

³ Professor do Centro de Educação da Universidade Federal da Universidade Federal de Alagoas, campus A. C. Simões, Maceió- Alagoas. E-mail: givanildopedufal@gmail.com

apresentando o projeto realizado pelos bolsistas do Programa Residência Pedagógica, o qual contempla a construção de um jardim na unidade Escolar Edith Nobre de Castro, na cidade de São Raimundo Nonato, no estado do Piauí.

O texto está estruturado em duas partes que se completam, além da introdução e das considerações finais. Na primeira parte, é discutido sobre a participação dos estudantes na construção de práticas pedagógicas, destacando-se a importância dessa ação para a autonomia dos envolvidos. Na segunda, é apresentada a experiência da construção do jardim na escola por meio das vozes dos estudantes da referida instituição.

Metodologia

A metodologia desenvolvida esteve pautada na abordagem qualitativa. Optou-se por essa abordagem, uma vez que foi possível compreender a realidade e discutir os achados da pesquisa, por meio de inferências destacadas pelo aporte teórico. Minayo (1994, pp. 21-22) acrescenta que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis.

O método desenvolvido na pesquisa foi o estudo de caso, na perspectiva de Yin (2010). Entende-se o estudo de caso “como método de pesquisa, o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados” (YIN, 2010, p. 24). De um modo geral, o estudo de caso “permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real - como os ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais e administrativos, a mudança da vizinhança, o desempenho escolar [...]” (YIN, 2010, p. 24).

A coleta dos dados foi realizada por meio de um questionário com os estudantes do nono ano do Ensino Fundamental e das três séries do Ensino Médio. Os questionários foram entregues aos estudantes nas respectivas turmas, de acordo com o interesse em participar. Dos questionários distribuídos foram recolhidos apenas 10, os quais serviram para apresentar os resultados pretendidos.

Para obter um significativo resultado dos objetivos pretendidos foi necessária a escolha de uma concepção metodológica, para nortear o caminho para a obtenção dos resultados em

todo o processo de vigência da pesquisa. Optou-se pela análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (2002), visto que “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção destas mensagens” (BARDIN, 2002, p. 42).

A participação dos alunos na construção de práticas pedagógicas

A presença dos estudantes na construção das práticas pedagógicas possibilita que esses sejam atuantes no processo de escolar e sintam-se motivados a estarem no contexto da escola desenvolvendo situações que promovam autonomia, visão crítica e espírito de trabalho coletivo. Desse modo, as práticas pedagógicas em sala aula devem exceder a uma visão fragmentada e descontextualizada do ensino, pois:

A educação é muito mais que instrumental. Ela deve ser crítica e ativa, buscando aprofundar a nossa compreensão do mundo e a capacidade de mudá-lo. A educação não é um processo externo à vida; ao contrário, é parte integral da vida, com força suficiente para transformá-la. Os conteúdos da educação vêm e retornam à vida. Por isso a centralidade da educação ambiental como eixo fundamental de educação de jovens e adultos (IRELAND, 2007, p. 231).

Quando incorporada a uma reflexão contínua e coletiva a construção destas práticas significará uma prática pedagógica autônoma, participativa e descentralizada. Freire (1992) chama de “estranhamento” a prática pedagógica em que se considera o aluno como o sujeito do conhecimento e da aprendizagem. Distinguir o ser humano como sujeito do processo de conhecer é tido como uma condição para a prática dialógica, pois as pessoas são:

Seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. [...] Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que fazer permanente (FREIRE, 1992, p. 84).

Esta prática dialógica proposta por Freire é um dos maiores desafios para a educação, todavia os seres humanos são dialógicos e isso exige uma postura crítica do educador. Reconhecer nos estudantes o potencial de participação, de diálogo, de debate contribui para a construção de uma educação libertadora, democrática e capaz de contribuir para a formação humana, política e social dos envolvidos.

Alguns professores sabem da importância da dimensão de seu papel na vida dos alunos desenvolvendo assim a autonomia desses, já que esta compreensão é de grande valor para que a prática pedagógica aconteça na perspectiva da inclusão, do respeito e da lógica democrática.

Nesse cenário, cabe compreender e refletir que o educador não entra sozinho na sala de aula, mas traz consigo as normas, os funcionários da instituição, etc. abreviando a aula em um encontro educativo.

O professor desenvolve a teoria absorvida na realidade da sala de aula, de acordo com o convívio social dos alunos superando as dificuldades em sala de aula, promovendo a oportunidade de o aluno repensar, refletir, refazer e de reconstruir e assim de ressignificar de forma coerente e atrativa.

Para o sujeito poder construir o seu conhecimento a respeito de um componente qualquer é preciso que esse objeto tenha significado para ele, uma vez que “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante” (FREIRE, 1996, p.126).

O desafio em oferecer uma aprendizagem significativa que incentive a participação e o interesse do aluno construindo assim uma educação comprometida com a formação humana. Esse comprometimento com o ensinar, de tal modo é o desafio da coautoria no processo de ensino e de aprendizagem. Nesse processo o aluno não constrói sozinho, essa construção é feita continuamente com os outros e na interação com os outros, pois “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” (FREIRE, 1996, p.30). Freire demonstra toda a clareza em relação à inexistência da neutralidade do ato de ensinar, quando salienta:

Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. [...] Desde logo, qualquer busca implica, necessariamente, numa opção. Opção pelo ontem, que significava uma sociedade sem povo, comandada por uma “elite” superposta a seu mundo, alienada, em que o homem simples, minimizado e sem consciência desta minimização, era mais “coisa” que homem mesmo. Ou opção pelo Amanhã, por uma nova sociedade, que, sendo sujeito de si mesma, tivesse no homem e no povo sujeitos da História. [...] A opção teria de ser também entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade (FREIRE, 1981, p. 36).

No resgate da prática pedagógica “emancipadora”, o educador precisa estar comprometido com a sua prática tanto pedagógica como socialmente. É sabido que a escola não é neutra, conseqüentemente é sempre ideológica e politicamente comprometida. Portanto, é necessário notar que a escola, em todo momento histórico, constituiu uma expressão e uma resposta à sociedade na qual está inserida. Desse modo, percebe-se que a escola é fruto dos embates, das tensões e dos conflitos existentes na arena educacional, em outras palavras, a escola é filha do seu tempo.

A experiência da construção do jardim na escola: as vozes dos alunos

Trazer os alunos para fora da sala de aula foi importante para que os eles pudessem participar e desenvolver suas habilidades tanto criativas como inovadoras. Os alunos se mostraram mais interessados pelas atividades realizadas no ambiente externo, além disso, percebeu-se que o comportamento destes nos momentos da realização das atividades melhorou muito.

Nesta expectativa, foram realizadas perguntas a todos os participantes sobre a temática, num total de três perguntas para cada um. Foram selecionadas algumas das respostas dos 10 participantes que devolveram os questionários. Destes foram selecionados alguns para compor os dados da pesquisa. Para evitar identificação dos alunos, foram denominados de aluno 1, 2, 3, 4 e 5.

Cada entrevistado foi apresentando a sua visão sobre a atividade realizada. A cada resposta dada mostra o quanto foi importante esta atividade, sendo que a maioria destes mencionou que a construção do jardim na escola foi uma experiência significativa, como relata alguns alunos:

Foi muito bom plantar as plantas para a escola ficar mais bonita (aluno 1);

Muito bom! Super divertido (aluno 2);

A experiência concebida em nossa escola foi muito legal e formidável, pois trata de uma mostra a preservação da natureza e também nos mostra o quanto é importante cuidar dela (aluno 3);

Uma experiência muito boa foi muito interessante construir o jardim, pois saímos das aulas teóricas e fomos para a pratica (aluno 4);

Uma experiência bastante interessante e inigualável (aluno 5).

Diante dos depoimentos, é importante perceber que os alunos se sentiram motivados em participar e desenvolver uma atividade diferenciada que contribuiu para a melhoria da escola. Ao serem indagados como estão percebendo a escola, por meio da construção do jardim este nos responde que foi:

Bacana teve um trabalho em equipe porque todos ajudaram (aluno 1);

Está ficando muito lindo com as plantas que foram plantadas e o jardim que foram construídas (aluno2);

Uma escola com mais alegria com um pouco mais de vida vegetal e com cores de intensa alegria (aluno 3);

Muito legal só falta água pra regar as plantas para ficarem mais bonitas (aluno 4);

Apesar de aprender as técnicas de plantar vejo que a escola se preocupa com o jardim (aluno 5).

Nestas respostas, é possível perceber como a ideia de se ter um jardim na escola muda a concepção dos alunos sobre o espaço escolar além de contribuir com o aspecto da escola, uma vez que um jardim pode fazer diferença na organização visual do espaço.

Uma experiência formidável (aluno 1);

Foi muito bom pois gosto de plantas (aluno 2);

A minha experiência foi boa porque aprendi mais coisas (aluno 3);

Foi muito boa porque ajuda o meio ambiente e as escolas tem que ensinar que desmatamento é crime (aluno 4);

Foi muito bom tivemos um bom resultado (aluno 5).

As respostas foram sempre positivas ao projeto dentre as inúmeras respostas sobre esta indagação alguns alunos mostraram a necessidade de criação de espaços em que possam ter como sair da sala de aula, podendo contribuir para melhoria do processo de ensino e de aprendizagem. Alguns lembraram ainda da falta de estrutura mais lembram sempre da alegria em participar de algo diferente.

Todos têm que interagir com a natureza aprender a cuidar do meio ambiente (aluno 1);

Uma boa ideia é muito bom cuidar do jardim todos os dias (aluno 2);

Nos concede uma grande responsabilidade (aluno 3).

Sem falar que o contato com a terra no preparo dos canteiros, a prática diária do cuidado (regar, transplantar, tirar matinhos) e aprender através do cultivo do jardim da escola é uma das melhores formas de desenvolver no estudante individualmente e também na comunidade escolar, a necessidade de se tornarem ecologicamente instruídos e, portanto, capazes de contribuir para a construção de um futuro sustentável.

Além do mais é um exercício de paciência e perseverança no qual cada aluno poderá constatar.

A construção do jardim na escola serve para deixá-la mais bonita, além disso, serve para incentivar nós alunos a cuidar da natureza e ajudá-la a se reconstruir (aluno 1);

Ela está mais bonita, pois antes do projeto do jardim o local era cheio de folhas (aluno 2).

O professor é o conhecedor e transformador do objeto, no processo para o conhecimento e este deve saber ouvir e ponderar, pois o ser humano está em constante aprendizado, inclusive o professor e é preciso mostrar ao aluno da necessidade de que precisamos nos “educar para conquistar um vínculo amoroso com a terra, não para explorá-la, mas para amá-la” (CARVALHO, 2008, p.75).

Na pergunta seguinte Como você analisa a questão de ter que cuidar do jardim da escola os alunos nos relatam o que,

Eu analiso que o jardim foi uma experiência muito incrível que podemos saber mais cuidar das plantas (aluno1);

Isso é importante para que nós aprendêssemos como plantar e ter que saber que temos que ter a responsabilidade de cuidar do jardim, aguar-lo pelo menos 2 a 3 vezes por semana, pois caso contrário poderá acabar, pois as plantas todas morrerão (aluno 2);

Muito boa, assim aumenta a responsabilidade e ajuda no futuro com uma natureza mais preservada (aluno3);

É exuberante a ideia que cuidar de um jardim posteriormente nos tira da comodidade e nos influencia a sair e experimentar (aluno 4)

Como se pode perceber, cada um dos estudantes se sente parte do projeto já que vivências como essa podem transformar pequenos espaços da escola em experiências de aprendizado.

A educação socioambiental é um instrumento primordial para promover a mudança comportamental nos cidadãos e transformá-los em conhecedores corresponsáveis pela conservação e pela preservação da natureza.

Trabalhar a terra para plantio de mudas de cactáceas na escola é um trabalho contínuo, pois os alunos serão responsáveis pela manutenção das plantas, sendo a mediação docente fundamental para que a escola promova e adquira conteúdos significativos que possam dar ao aluno condição de compreender o seu contexto sócio histórico, pois como afirma Carvalho (2008, p. 75), a “sustentabilidade não tem a ver apenas com a biologia, a economia e a ecologia. Sustentabilidade tem a ver com a relação que mantemos conosco mesmos, com os outros e com a natureza” e incluir os alunos na realidade global mostrando a estes o que é a Educação Ambiental e sua relevância para a sociedade se configura como uma importante ação educativa, bem como ensinando-os o respeito mútuo entre a Sociedade e a Natureza absorvendo a sustentabilidade.

Os alunos da turma do primeiro ano se mostraram mais preocupados, além de entenderem a importância de sua participação para manterem o jardim em pleno funcionamento, além disso, foi lembrado pelos mesmos que é um trabalho feito em conjunto, pois cada turma é responsável por regar as plantas que fizeram o plantio no jardim dependendo deles a continuidade do processo, em que a presença de todos é uma ação de protagonismo, para que seja estimulada a coletividade e o trabalho em equipe.

Com as demais turmas não foi diferente. Com os alunos do terceiro ano, igualmente, acharam a experiência boa, pois foram estes que fizeram a primeira parte limpando e organizando o ambiente do jardim para o plantio das mudas feita por eles e pelos demais colegas.

No nono ano todos os alunos se mostraram interessados em participar, ele e o primeiro ano eram os mais entusiasmados. O segundo ano não se animaram muito com a ideia e penas alguns se interessaram pela temática proposta.

A partir da construção, propriamente dita, do jardim na escola pelos discentes, foram iniciadas as ações estratégicas, de cunho pedagógico, que envolviam professores e os discentes. Percebeu-se o engajamento dos discentes e o envolvimento destes na ação pedagógica.

O manejo diário do jardim corresponde a cada turma, já que cada uma teria um dia para realizar o trato, cabendo à professora da disciplina de Biologia delegar e comandar as atividades no jardim e fiscalizar a participação dos discentes. Como o preparo de mudas, adubações e a limpeza do espaço. A divisão das tarefas se procedeu de forma que cada turma com um grupo pequeno de alunos se responsabilizasse em aguar os canteiros e manter o jardim.

Considerações finais

A partir das experiências observadas e dos relatos dos alunos durante e após a prática de construção e de manutenção do jardim, foi visto que houve um interesse em desenvolver os conhecimentos obtidos no âmbito da sala de aula. Essa prática pedagógica é satisfatória no processo de ensino e de aprendizagem, além de promover a conscientização sobre a importância de manter preservada a natureza e manter um ambiente mais agradável a todos que frequentam o espaço da escola.

Com os resultados da pesquisa foi possível saber como os alunos veem a construção do jardim na instituição como uma prática pedagógica em que eles poderão participar juntamente com os colegas e os professores. Sendo que a aprendizagem fora da sala de aula foi positiva, pois desenvolveu nos alunos a capacidade do trabalho em grupo e a ideia de sustentabilidade de maneira mais humana, sair da rotina da sala de aula e promover a interdisciplinaridade, já

que um dos objetivos do projeto da instituição foi mostrar a importância do meio ambiente e que é preciso ser sustentável.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: Brasília, 1997. 126p.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: formação do sujeito ecológico. 3ed. São Paulo: Cortez. 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

IRELAND, T. D. **A Vida no Bosque do Século XXI**: Educação Ambiental e Educação de Jovens e Adultos. In: MELLO, S.S de & TRAJBER, R. (coord.) **Vamos cuidar do Brasil**: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: MEC, CGEA, MMA. UNESCO, 2007.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

YIN, R. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Tradução: Ana Thorell; revisão: Cláudio Damacena. Porto Alegre: Bookman, 2010.